

1918-2018: O CENTENÁRIO DA ENTRADA DO BRASIL NA I GUERRA MUNDIAL

GUSTAVO DE FREITAS ARAÚJO¹

(Artigo e palestra apresentados no III Simpósio Nacional de História Militar, realizado entre 14 e 17 de agosto de 2018 na ECEME).

RESUMO

Analisaremos como se deu a participação brasileira na I Guerra Mundial. O fato ainda consiste em um fenômeno pouco estudado e conhecido. Apesar de ter sido de pequena envergadura, a entrada do país na guerra trouxe consequências para Doutrina Militar Brasileira e para a nação como um todo. Mais do que isso, serviu também de preparação para que, vinte e cinco anos depois, tivéssemos uma atuação mais efetiva em outro conflito de escala global: a II Guerra Mundial.

Palavras-chave: I Guerra Mundial, História Militar, Batalhas.

1 INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1914 a 1918, a Europa foi palco de uma guerra até então sem precedentes na História: *a I Guerra Mundial*. O que se esperava, de início, ser um conflito rápido e sem maiores desdobramentos, resultou em uma luta sangüinária que ceifou milhões de vidas, envolvendo países de todos os continentes do planeta, incluindo o Brasil.

O ano de 2018 marca o centenário da participação brasileira na guerra. Seja por omissão ou, quiçá, por vieses ideológicos, tal evento se constitui um fato pouco explorado e desconhecido por quase todos, exceto por especialistas em história das guerras e aficionados pela temática. O presente artigo busca trazer luz sobre os acontecimentos que vão desde o afundamento de navios mercantes nacionais por submarinos alemães, passando pela declaração de guerra contra o Império Alemão, até o envio de militares e civis para o *front*.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A guerra da Alemanha sob as águas

¹ O autor é 1º Tenente do Exército, formado na Academia Militar das Agulhas Negras em 2012, instrutor da Cadeira de História Militar na EASA, especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina e membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

No ano de 1917, a Europa encontrava-se desgastada por um conflito que já durava três anos e com baixas que ultrapassavam a casa dos milhões sem que, no entanto, fosse possível a visualização de uma paz duradoura. Dentro desse contexto de falta de resultados significativos, a Alemanha intensificou a guerra submarina provocando grandes estragos nas diversas marinhas de seus inimigos, com a utilização da sua maior invenção durante o período: os *U-Boats*².

A estratégia naval germânica consistia em "romper o bloqueio dos aliados e, destruindo seus navios mercantes, restringir seu abastecimento" (BLANC, 2015, p. 54). Dessa forma, mesmo países que haviam se posicionado como neutros na guerra, porém que mantinham relações comerciais com integrantes da Tríplice Entente, corriam o risco de serem torpedeados pelos *U-Boats*. Foi o caso, conforme veremos a seguir, do Brasil.

2.1.1 A escalada da crise: do afundamento de navios brasileiros à declaração de guerra

Nos anos em que ocorreu a Grande Guerra, o Brasil era governado pelo presidente Venceslau Brás. Economicamente, com a indústria ainda incipiente, era uma nação agroexportadora, com grande destaque para a produção de café, o principal motor da economia. Os principais mercados consumidores do país eram os Estados Unidos e a Europa, particularmente a Inglaterra e a França, porém com o risco crescente de ter um navio mercante atingido pela frota alemã, esse comércio diminuiu consideravelmente.

A guerra não tardou a chegar a águas territoriais brasileiras, o que ocorreu ainda em agosto de 1914, quando um cargueiro de bandeira alemã chamado *Santa Catharina* foi interceptado por uma embarcação britânica e veio a afundar nas proximidades do Arquipélago de Abrolhos.

O primeiro incidente envolvendo Brasil e Alemanha foi o afundamento do navio *Rio Branco*, em 3 de maio de 1916. A embarcação estava carregada de madeira e viajava em uma área marítima bloqueada pelos germânicos. Possuía bandeira e nome brasileiros, porém havia sido vendida no ano anterior à Noruega. A finalidade de envergar a flâmula do Brasil era de evitar os ataques dos *U-Boats* alemães. O episódio foi suficiente para o estremecimento das relações teuto-brasileiras e para o aumento da pressão da população para um posicionamento do Estado Brasileiro contra a Alemanha.

O bloqueio imposto pela Marinha alemã aos seus rivais colocava em risco embarcações neutras que mantinham comércio com esses países. O Governo brasileiro emitiu um protesto

2 Termo usado para designar um submarino alemão.

formal e sucessivas notificações visando garantir a segurança de sua frota com destino à Europa. Face a esses acontecimentos, a opinião pública começou a abandonar o apoio à neutralidade para uma postura de crescente reivindicação por um posicionamento contra a Alemanha. O Governo teutônico, entretanto, não levou a sério essas reclamações.

O primeiro navio brasileiro a vir a pique foi o *Paraná*, na madrugada do dia 3 para o dia 4 de abril de 1917. Maior embarcação mercante nossa, o *Paraná* estava carregado com milhares de sacas de café. Durante a navegação pela costa francesa, nas imediações do Cabo Barfleur, próximo ao seu destino e “com todas as luzes acesas, a bandeira nacional hasteada em seu mastro e o nome ‘BRASIL’ pintado nitidamente em seu casco(...)” (DARÓZ, 2016), foi atacado por um torpedo do submarino *UB-32*, no qual morreram um maquinista e dois foguistas.

O rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha ocorreu oito dias depois do naufrágio do *Paraná*, no dia 11 de abril de 1917. Em diversos estados da federação, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais, a notícia do rompimento com os alemães foi acompanhada por uma série de manifestações apoiando a decisão do Governo. O então ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, que possuía a alcunha de germanófilo, devido à pressão, demitiu-se do cargo e foi substituído por Nilo Peçanha. Como consequência, ainda, o Governo devolveu os passaportes de diversos funcionários alemães no país.

O próximo navio nacional a afundar por submarinos germânicos foi o *Tijuca*, que veio a pique no dia 20 de maio, enquanto navegava com carregamento de café em direção a Brest, na França. Um marinheiro morreu afogado e os demais conseguiram escapar com vida do naufrágio. Após mais esse afundamento, aumentaram as represálias aos alemães que haviam imigrado para o Brasil, com a quebra de estabelecimentos comerciais e a apreensão de oficiais mercantes da Alemanha no porto do Rio de Janeiro.

No dia 22 do mês de maio, a tensão cresceu ainda mais com outro navio nacional afundado: foi a vez do *Lapa*. Com destino de Santos a Marselha, o *Lapa* também estava carregado de café, quando foi atingido por torpedo de um submersível nas proximidades do Cabo Trafalgar. Neste episódio, entretanto, ninguém saiu ferido.

Desde que os Estados Unidos da América haviam declarado guerra à Alemanha, em 06 de abril de 1917, tornava-se cada vez mais evidente o alinhamento do Governo brasileiro com o dos norte-americanos. Nesse contexto, o fim da neutralidade veio em 1º de junho daquele ano, por meio do Decreto nº 12.501, no qual o governo manda utilizar os navios mercantes alemães ancorados nos portos da República, considerando-os como embarcações brasileiras, para serem utilizados de acordo com as necessidades nacionais.

O estopim para a declaração formal de guerra entre o Brasil e o Império Alemão não tardou em acontecer. O *Macau* havia sido um dos 45 navios alemães que, conforme o Decreto supracitado, foram apreendidos no porto do Rio de Janeiro. Era o primeiro deles a realizar viagem para a Europa, com destino à França, e continha carregamento de café e de cereais.

Se comparado às embarcações existentes na nossa frota mercante, o navio era uma embarcação moderna e com poucos anos de uso. Foi atingido em 18 de outubro por um *U-93*, enquanto navegava próximo à costa espanhola. Após todos os tripulantes terem embarcado nos botes salva-vidas, o comandante e um taifeiro do *Macau* foram aprisionados pelos alemães e não foram mais vistos. A repercussão de mais um navio afundado foi decisiva para a tomada de uma posição enérgica. Após reunir-se com o novo Ministro das Relações Exteriores, Nilo Peçanha, e com seus demais assessores, o presidente Wenceslau Brás declarou formalmente guerra à Alemanha no dia 26 de outubro.

Uma semana após a declaração do Presidente brasileiro, dois outros navios foram atingidos em represália: o *Guahyba* e o *Acary*. Por fim, já no ano de 1918, ainda foram afundadas as embarcações *Taquary*, *Maceió* e *Uberaba*.

2.2 A participação militar brasileira na I Guerra

A participação do Brasil na Grande Guerra foi modesta, uma vez que não dispúnhamos de capacidade para enviar uma tropa com grandes contingentes para o *front*. Por isso, apenas foram enviados uma Divisão Naval, uma Missão Médica Militar, um grupo de aviadores e oficiais do Exército.

2.2.1 A Divisão Naval

Criada em 03 de dezembro de 1917, a Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG) tinha por finalidade de realizar o patrulhamento marítimo contra os *U-Boats* alemães entre Dakar, no Senegal, e Gibraltar, no Mediterrâneo. A Divisão estava sob o comando do Contra-Almirante Pedro Max Frontin e foi subordinada à Armada Britânica.

A DNOG estava composta ao todo por oito navios, sendo: dois cruzadores, o *Bahia* e o *Rio Grande do Sul*; quatro contratorpedeiros, o *Piauí*, o *Rio Grande do Norte*, o *Paraíba* e o *Santa Catarina* e dois navios auxiliares, o *Belmonte* e o *Laurindo Pitta*.



Figura 01: Contratorpedeiro *Paraíba*. Disponível em: Arquivo da Marinha do Brasil.

A frota era obsoleta, com diversas deficiências técnicas. Os armamentos antissubmarino eram praticamente inexistentes e havia dificuldade em conseguir carvão para utilizar como combustível, sendo necessário importá-lo da Inglaterra ou dos Estados Unidos. A DNOG zarpu de Fernando de Noronha no dia 31 de julho de 1918, com destino à cidade africana de Freetown, quando foram incorporadas à Marinha inglesa. Permaneceram no porto por duas semanas, realizando reparos e se preparando para a viagem rumo a Dakar.

Um dia antes da chegada em Dakar, foi avistado um submarino alemão. Os cruzadores *Rio Grande do Sul* e *Bahia* abriram fogo. Em represália ao ataque brasileiro, o *Belmonte* escapou por poucos metros de um disparo do submersível alemão. Marcelo Monteiro (2014) afirma que dias depois veio um comunicado da Armada britânica informando que o *U-Boat* havia sido atingido pelos navios nacionais.

Após a chegada ao porto em Dakar, prevista para ser rápida, ocorreu aquilo que foi responsável pela morte de mais de uma centena de marinheiros brasileiros: o surto de gripe espanhola. Ao todo, cento e cinquenta e seis vítimas foram registradas devido à doença.

A frota brasileira partiu de Dakar no dia 03 de novembro rumo ao seu destino final, em Gibraltar, quando deveria juntar-se com o navio inglês *Britânia*. Essa embarcação inglesa, porém, veio a ser afundada no dia 09 de novembro, antes de encontrar-se com a Divisão brasileira. A DNOG chegou em Gibraltar no dia 10 de novembro. Um dia depois, foi assinado o armistício que pôs fim à guerra. Apesar de terminada, a frota brasileira foi convidada a participar das comemorações pelo fim do conflito, retornando ao Brasil apenas em 23 de maio de 1919.

2.2.2 A Missão Médica Militar brasileira

A contribuição mais consistente do país na guerra foi o envio de uma Missão Médica Militar à França. A missão, criada em 10 de julho de 1918, foi comandada pelo Coronel em comissão Nabuco de Gouvêia. Contava com mais de cem brasileiros, entre médicos, farmacêuticos, civis e militares, além de praças do Exército para a segurança do Hospital Militar Brasileiro (HMB). Possuía capacidade para atender até 500 enfermos.



Figura 02: Missão médica militar enviada à França durante a guerra. Disponível em: Arquivo Histórico do Exército.

O HMB ficou localizado em Paris nas instalações de um prédio que fora um convento no centro da cidade. Seus integrantes tinham como principal missão auxiliar no tratamento da gripe espanhola, atendendo tanto a militares quanto à população civil. Além da capital francesa, a missão brasileira enviou médicos para serem destacados em outras regiões, como Marselha e Nice. Após o término da guerra, o Hospital Militar Brasileiro foi doado à Faculdade de Medicina de Paris e a missão foi extinta em 19 de fevereiro de 1919.

2.2.3 Envio de oficiais da Marinha e do Exército

Também foram enviados aviadores brasileiros para atuarem ao lado dos Aliados. Para os EUA, seguiram em 1918 dois tenentes e um suboficial da Marinha do Brasil, que, após concluírem o treinamento no Serviço Aeronaval dos EUA, realizaram missões de patrulhamento no Atlântico Norte. Outros 12 militares fizeram cursos de aviação na Itália; estes, porém, não

chegaram a entrar efetivamente em combate. Finalmente, nove aviadores, oito da Marinha e um do Exército, após a realização de treinamentos na Inglaterra, participaram de missões de combate junto à *Royal Air Force*³, no Canal da Mancha, até março do ano de 1919 (DARÓZ, 2016).

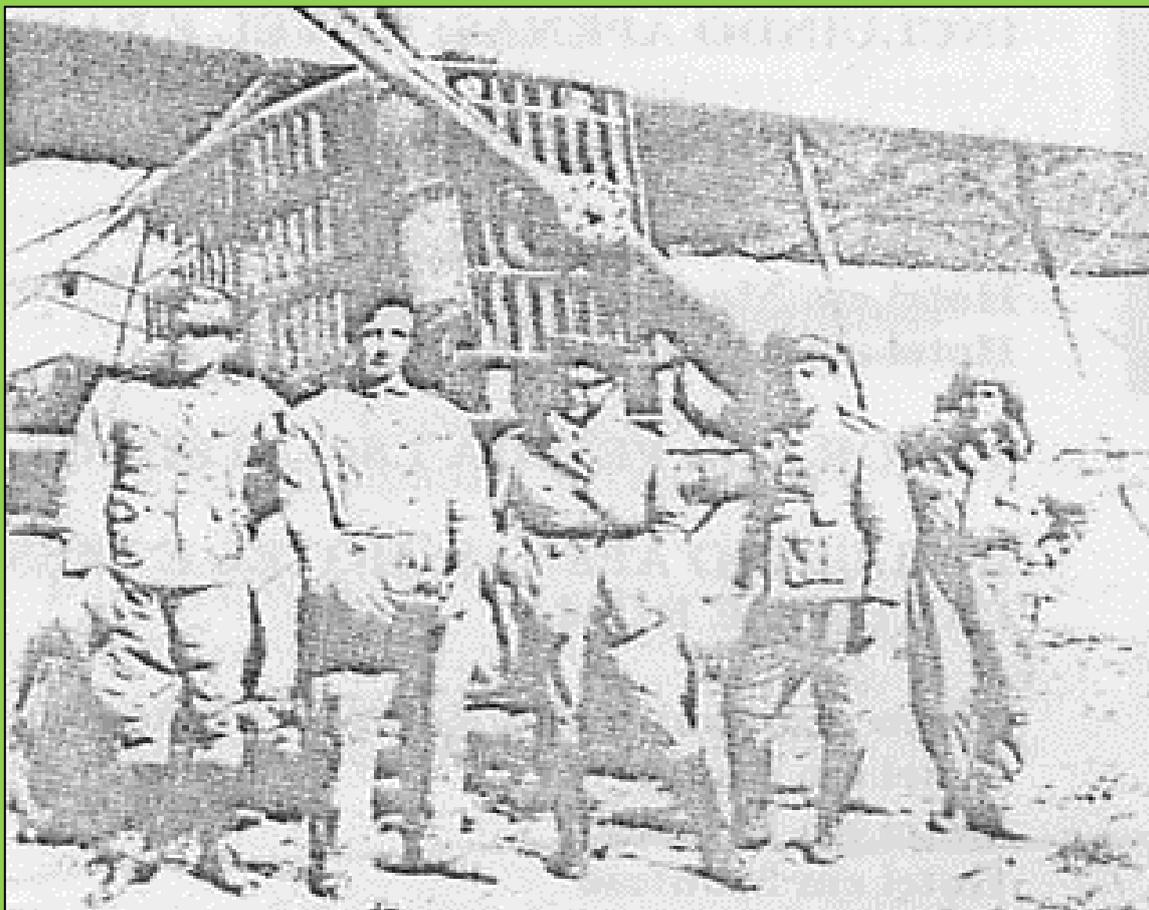


Figura 03: Oficiais aviadores na I Guerra. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/unico-latino-americano-participar-da-1-guerra-brasil-mostrou-despreparo.html>>. Acesso em 06 de dezembro de 2015.

Além do grupo de aviadores, 24 oficiais do Exército foram enviados à França para atuarem na Comissão de Estudos, Operações e Aquisições de Material Bélico. Neste contingente, estava presente o Tenente José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, caso mais famoso de brasileiro a combater efetivamente nos campos de batalha. José Pessoa foi designado para comandar um pelotão do 1º Esquadrão do 4º Regimento de Dragões. Por sua bravura e combatividade, ganhou diversas condecorações internacionais, como a Cruz de Guerra do Exército da França e o grau de oficial honorário da Ordem do Império Britânico.

2.3 As consequências da participação do Brasil na Guerra

³ Força Aérea do Reino Unido.

A I Guerra Mundial foi mola propulsora inicial para a industrialização do país. Para uma nação que era basicamente fundamentada no Setor Primário, a guerra provocou, por um lado, uma redução nos mercados consumidores dos produtos nacionais, particularmente o café. Por outro lado, a indústria foi obrigada a buscar tornar-se menos dependente de importações vindas dos países da Europa envolvidos no conflito. Desse modo, buscou-se produzir o que antes era importado, em um processo que ficou conhecido como *substituição das importações*.

Devido à sua atuação militar, o Brasil foi convidado a participar da assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919, tendo Epitácio Pessoa como o chefe da representação brasileira. Nesse acordo, o país foi beneficiado em dois aspectos: a obrigação da Alemanha em pagar 125 milhões de marcos pelas sacas de café que foram destruídas com o afundamento dos navios e os navios alemães confiscados pelo Governo Brasileiro foram adquiridos por um preço bem aquém do valor de mercado.

Com relação à contribuição para a doutrina do Exército, foi substituída a influência da doutrina alemã pela francesa. Nesse sentido, houve a Contratação de uma Missão Militar Francesa, a qual acarretou em uma série de implementações para a Doutrina Militar Brasileira, como a introdução dos Blindados, a reformulação do ensino do Exército, a implantação da Aviação Militar, a atualização de doutrinas de Estado Maior e dos diversos sistemas de combate, dentre outras.

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a participação brasileira na I Guerra Mundial. O tema ainda carece de publicações relevantes sobre o assunto e a atuação do país na Grande Guerra permanece pouco conhecida.

Conforme abordado, o Brasil procurou ao máximo manter-se neutro em relação ao conflito. Entretanto, o sucessivo afundamento de navios nacionais, a entrada dos Estados Unidos no combate e a pressão popular levaram o Governo Brasileiro a declarar guerra ao Império Alemão.

Apesar de pequena, devido ao estado de despreparo em que as Forças Armadas se encontravam, conseguimos enviar uma Divisão Naval, que, efetivamente, teve um engajamento com submarinos alemães. Além disso, deve-se ressaltar o envio de uma Missão Médica Militar à França e a construção do Hospital Militar Brasileiro em Paris. Foram ainda enviados alguns

aviadores para realizar missões de patrulhamento e uma comissão de oficiais do Exército para a Europa, o que permitiu a assimilação da doutrina francesa para a Força Terrestre.

A atuação do país na guerra possibilitou a identificação, entre outras, das seguintes oportunidades de melhoria na estratégia de defesa brasileira: a primeira, relacionada à constatação da defasagem tecnológica do parque bélico nacional; a segundo, com relação às dificuldades de formação de um contingente pronto para o combate e a terceira, no que concerne à vulnerabilidade de nossas embarcações frente a ataques submarinos.

Curiosamente, vinte e cinco anos após o rompimento das relações com a Alemanha, provocadas pelo afundamento do *Paraná*, os dois países entrariam novamente em beligerância devido a ataques a navios nacionais. Hoje, passados exatos cem anos desses acontecimentos, resta aos novos historiadores militares a tarefa de tornar essa longa jornada conhecida pelas futuras gerações.

4 REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **O Exército e Marinha na I Guerra Mundial (1914-18)**. Disponível em: < <http://www.ahimtb.org.br/ahimtb/EBMB1GM.htm>>. Acesso em 08 de dezembro de 2015.

BLANC, Cláudio. **I Guerra Mundial: uma história em imagens**. São Paulo: Online, 2015.

BRASIL. Decreto nº 12.501, de 1º de junho de 1865. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-12501-2-junho-1917-498852-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 29 de janeiro de 2017.

BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História**. São Paulo: Ática, 2003.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil a Primeira Guerra Mundial – a longa jornada**. São Paulo: Contexto, 2016.

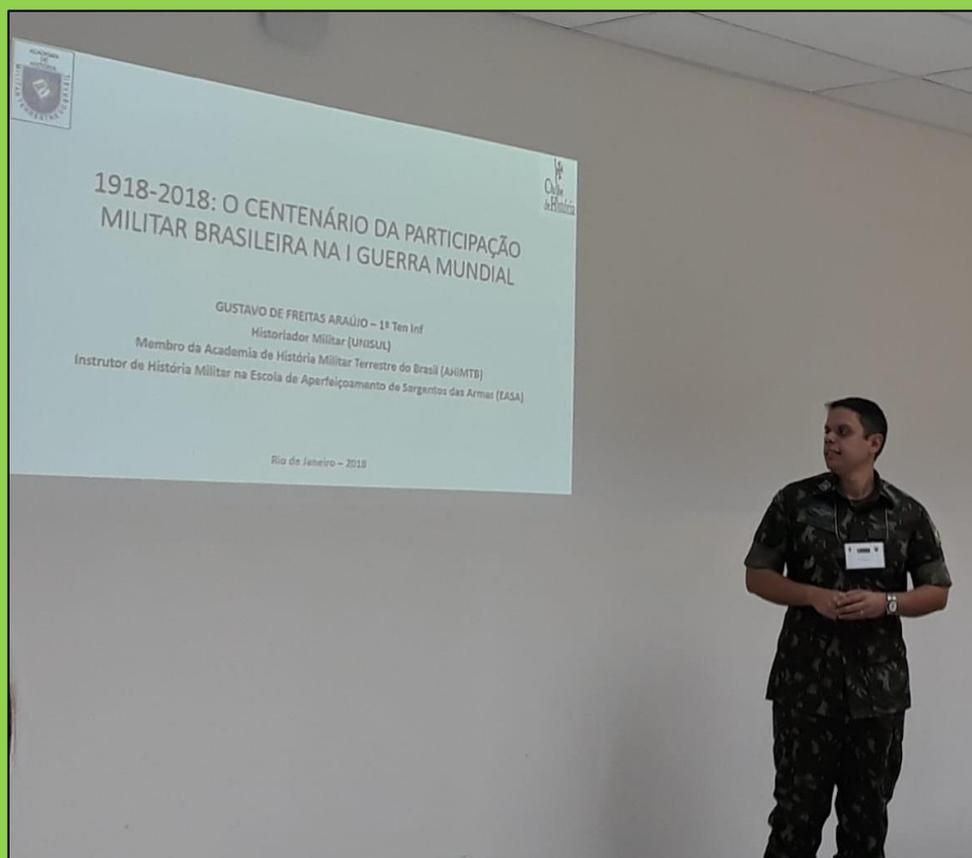
G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/07/unico-latino-americano-participar-da-1-guerra-brasil-mostrou-despreparo.html>>. Acesso em 06 de dezembro de 2015.

Jornal GGN. Disponível em: < <http://jornalgggn.com.br/noticia/o-dia-em-que-o-brasil-entrou-na-primeira-guerra-mundial>>. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

KOSHIBA, Luiz & PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. São Paulo: Atual, 2003.

MONTEIRO, Marcelo. U-93:A entrada do Brasil na I guerra Mundial. Porto Alegre: Besouro Box, 2014.

MOURA, Aureliano Pinto de... [et al]. **História militar brasileira II: período republicano: livro didático**. Palhoça: Unisul Virtual, 2010.



Apresentação da Palestra pelo Tenente Gustavo Freitas, da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas - EASA, Cruz Alta, RS.



Aspecto do Auditório durante os trabalhos na ECEME.